

## SIMPÓSIO AT072

### PRÁTICAS COTIDIANAS DA ESCRITA QUE TECEM LEITURAS: LITERATURA E EXPERIMENTAÇÃO

CAMARGO, Maria Rosa Rodrigues Martins de  
Universidade Estadual Paulista – UNESP –Brasil  
[mrosamc2@gmail.com](mailto:mrosamc2@gmail.com)

**Resumo.** Esta comunicação, recorte do projeto de pesquisa “Lugares da escrita: experimentação, linguagens, saberes e(m) formação”, aborda a relação entre práticas da escrita, que ocorrem no cotidiano, e textos literários como espaço fértil para pensar a experimentação. As práticas da escrita se materializam a partir da produção escrita por uma mulher (D. Dirce), pouco escolarizada que, aos 60 anos de idade, descobriu-se escritora. O *lócus* de sua produção é o espaço que integra o Projeto de Extensão Universitária de Educação de Jovens e Adultos – PEJA/UNESP. A cada temática proposta, D. Dirce produzia um texto no qual ressoavam memórias (escola, vida cotidiana), um olhar sobre si mesma (certa autonomia na facção do registro), e a importância de estar nesse espaço ao qual retorna após anos afastada da escola. O foco da discussão é a gama de seus registros escritos, no que se refere ao conteúdo (temas da vida cotidiana), aos objetos materiais, cadernos que ela mesma decora, nos quais escreve e inventa formas de garantir registros (palavras, pinturas, recortes). À gama de registros, interpõem-se textos literários referências de leitura, neste caso, adentrando Clarice Lispector. A base teórico-metodológica aponta-se em estudos da escrita e leitura como práticas culturais (Certeau; Chartier), da linguagem como interlocução (Bakhtin) e como escrita de si (Foucault). A realização deste estudo confere visibilidade a práticas da escrita e leitura periféricas trazendo à superfície possibilidades para pensar culturas letradas que se efetivam por meio de uma produção que é singular.

**Palavras-chave:** práticas da escrita; exercício da linguagem; textos literários.

**Abstract.** This communication, a clipping of the research project "Places of writing: experimentation, languages, knowledge (in) formation", deals with the relationship between writing practices that occur in daily life and literary texts as space for thinking about experimentation. The practices of writing are

materialized from the written production by a woman with little formal education (D. Dirce) who, at the age of 60, "discovered" herself "as a writer". The locus of its production is the space that integrates the Project of University Extension of Education of Youth and Adults - PEJA / UNESP. In each theme, D. Dirce produced a text in which memories (school, daily life), a glance at herself (a certain autonomy in the registration process), and the importance of being in that space to which she returns after years away from school all resonated. The focus of the discussion is the range of her written records regarding content (themes of everyday life), material objects, notebooks that she decorates herself, in which she writes and invents ways to secure records (words, paintings). To the range of records, literary texts are interposed in reading references, in this case, entering Clarice Lispector. The theoretical-methodological basis is provided in studies of writing and reading as cultural practices (Certeau; Chartier), language as interlocution (Bakhtin) and writing the self (Foucault). The accomplishment of this study confers visibility to practices of peripheral writing and reading, bringing to the surface possibilities to think literate cultures that occur through a production that is singular.

**Keywords:** writing practices; language exercise; literary texts.

*Mas já que se há de escrever,  
que ao menos não esmaguem as palavras nas entrelinhas.*  
C. Lispector

A busca por práticas da escrita entre pessoas pouco escolarizadas talvez não necessite ser tão exaustiva. Estando inseridas em uma sociedade letrada, tais pessoas podem nos apresentar práticas, poder-se-ia dizer, quase latentes. Um pequeno sopro [de vida] pode acender vontades e saberes nem sempre expostos, por vezes camuflados por condições da própria vida.

O foco da discussão é a gama de registros escritos, por uma dessas pessoas, no que se refere ao conteúdo (temas da vida cotidiana), aos objetos materiais, cadernos que ela mesma decora, nos quais escreve e inventa formas de garantir registros (palavras, pinturas, recortes). À gama de registros, interpõem-se textos literários referências de leitura, neste caso, adentrando Clarice Lispector.

A base teórico-metodológica aponta-se em estudos da escrita e leitura como práticas culturais (CERTEAU (2000); CHARTIER (2002), da linguagem

como interlocução, fronteira fervilhante da invenção de si (BAKHTIN, 1981) e como escrita de si (FOUCAULT). A realização deste estudo confere visibilidade a práticas da escrita e leitura periféricas trazendo à superfície possibilidades para pensar culturas letradas que se efetivam por meio de uma produção que é singular.

Neste texto, a proposta é dar a ler práticas da escrita que se materializam a partir da produção escrita por uma mulher (D. Dirce), pouco escolarizada que, aos 60 anos de idade, descobriu-se escritora. O lócus de sua produção é o espaço que integra o Projeto de Extensão Universitária de Educação de Jovens e Adultos – PEJA/UNESP.

*... às vezes tenho a impressão de que escrevo por simples curiosidade intensa. É que, ao escrever, eu me dou as mais inesperadas surpresas. É na hora de escrever que muitas vezes fico consciente de coisas, das quais, sendo inconsciente, eu antes não sabia que sabia.*

(LISPECTOR, 1999, p. 254)

A cada temática proposta nas atividades de ensino que compunham o Projeto de Extensão Universitária, D. Dirce produzia um texto no qual ressoavam memórias (escola, vida cotidiana), um olhar sobre si mesma (quando emergia certa autonomia na facção do registro), e a importância de estar naquele espaço ao qual ela retorna, após os vários anos em que esteve afastada da escola. Como evidencia Gasparini (2015), a recorrência das práticas da escrita e da leitura parece extrapolar questões de habilidades e competências. Pode-se acompanhar que

Tais práticas sejam nas cartas, diários, cadernos de poesias, ou cadernos que são veículos de diálogo consigo mesmo, aderem-se ao cotidiano, são suportes materiais que evidenciam invenções no e do cotidiano (CERTEAU, 1998) das vidas de quem escreve, e geram indagações, que aqui se estabelecem enquanto problemas de pesquisa: O que move as práticas de leitura e escrita efetivadas por esses sujeitos, pessoas comuns? E qual o sentido atribuído pelo sujeito que

escreve e lê à suas próprias práticas de escrita e leitura?  
(GASPARINI, 2015, p.14).

A essa produção, que descobrimos fértil em vontades e saberes, entremeamos uma outra produção, também fértil num pensamento que não se acomoda, que se abre a exercícios diversos que remetem a um modo de ser e estar no mundo: textos – também o literário mas não somente – que faz do ato de escrever – literário, ensaio, ou simplesmente frases anotadas – razão da própria vida.

*Minhas intuições se tornam mais claras ao esforço de transpô-las em palavras. É nesse sentido, pois, que escrever me é uma necessidade. De um lado, porque escrever é um modo de não mentir o sentimento (a transfiguração involuntária da imaginação é apenas um modo de chegar); de outro, escrevo pela incapacidade de entender, sem ser através do processo de escrever. (LISPECTOR, 1999, p. 236).*

Ter sempre um texto literário por perto é um dos eixos do exercício de pensamento que praticamos nos projetos que vimos desenvolvendo articulando-se ao Projeto de Pesquisa “Lugares da escrita: experimentação, linguagens, saberes e(m) formação”, no Grupo de Estudos e Pesquisas EscriArte, por mim coordenado. Teríamos a destacar relatos férteis de pensamentos oriundos de nossas leituras como vão entrando na roda das infindáveis conversas. E temos alguns desdobramentos que podemos citar como textos acadêmicos e nem tanto, que podem ser buscados em outros espaços.

Há que se destacar que o texto literário compõe, integra, produz, desafia, gera tensões, fomenta discussões. Vai além. Provoca sentidos outros para práticas que se enredam em ser literário, ou poético, ou curiosidade, ou vontade de se fazer presente na própria escrita. Vai além.

Nos meandros desta escritura que vai se compondo, quando o assunto é o espaço de interlocução que o texto literário movimenta, provoca, instiga,

produz, vale lembrar o belo estudo de Larrosa (2004), em que põe em pauta a operação ensaio. O texto que elabora tem por base suas anotações quando se dispôs a seguir Foucault nas leituras que este fazia, nos livros que manuseava, referenciada pelos seus escritos. Diz-nos Larrosa:

Sabemos que Foucault foi muito sensível à literatura e às artes. Sabemos que Foucault fez de sua relação com a literatura e com as artes algo mais profundo do que uma ocupação marginal, e algo mais profundo do que uma ocupação crítica. (...) Para Foucault, talvez, a literatura foi um dos lugares que ele escolheu para uma meditação sobre a relação entre escrita e pensamento. (LARROSA, 2004, p.42).

No nosso entender, interpenetrar práticas da escrita, que ocorrem no cotidiano, e textos literários, é abrir possibilidades para pensar experimentações que, nas artimanhas das entrelinhas, não esmagam as palavras; artimanhas que lhes trazem, às palavras, à vida. Uma quase metodologia de produção de pensamento materializa-se pelas práticas, em que textos (dados a ler) e escritas produzidas (quase sempre em primeira pessoa), são intensamente mediados por marcas de subjetividades.

D. Dirce escreve um texto que se inspirou na leitura de uma poesia de Terê Penhabe (Água doce do rio), que se inspirou na poesia de Astrid Cabral (Água doce). Em comum, a inspiração do movimento turbulência nem sempre doce do rio ao encontro do mar e o que provoca ao encontro com a vida nem sempre menos turbulento.

*... Mas há um engano, já é tarde.*

*Pra voltar!*

*O mar abre os braços para o rio,  
é o mesmo que acontece com a união de um casal.*

*Nessa suave união é que nasce uma paixão.*

*Que sem ter para onde ir, muitas pessoas procuram um abrigo e são  
recebidas com carinho,  
e são felizes ganham um abraço*

*e é nesse momento que se torna uma união.  
Esse encanto do rio se faz alojar no mar nesse momento é que se  
aprende a amar. ...  
(D. Dirce, 2009)*

De texto em texto, memórias, um olhar sobre si mesma, e a importância de estar naquele espaço ao qual ela retorna, conferem dimensões ao que poderíamos interpretar como uma constante invenção de si. Invenção que transita por tempos e espaços dinâmicos, dispersos, que não se recusa a modos de apresentação de si, que marca subjetividades e escolhas no que diz e naquilo que não diz, na escrita suave carregada da força de quem (re) vive.

*O tempo passa.  
Para mim já se passaram cinquenta e quatro anos.  
Nasci, cresci, vivi, aprendi,  
mas ainda encontrei tempo  
e tempo para aprender o que não aprendi.  
Pensou que maravilhoso seria o tempo  
para as pessoas que dizem que não tem tempo.  
O tempo para mim está sendo o agora  
e estou feliz por ter essa oportunidade  
nesse tempo de duas horas de aprendizado, que jamais pensei  
em tê-lo está muito bem aproveitado esse tempo.  
(D. Dirce, 2009)*

Este texto foi escrito a partir da leitura do poema “O tempo” de Mario Quintana, proposta como atividade no Projeto, no contexto de uma discussão em torno de repetição de palavras num mesmo texto. O desafio proposto era que se repetissem palavras. E surgiu “O tempo”, de D. Dirce.

A realização deste estudo, ainda em andamento, confere visibilidade a práticas da escrita e leitura periféricas trazendo à superfície possibilidades para

pensar culturas letradas que se efetivam por meio de uma produção que é singular. Há muito ainda por vir.

Este texto não adentra a questão do ensaio. Mas, ao finalizá-lo, retorno à leitura de Larrosa, no que se refere à operação ensaio, em seus percursos por Foucault, apegando-me, talvez, ao que opera, em pensamento, uma prática da escrita, na trama dos dizeres de si. O ensaio é, talvez, o dispositivo material em que ressoam fronteiras fervilhantes de um pensamento de si.

Trata-se da operação ensaio, não se trata da forma do ensaio, segundo argumenta o autor,

Não tanto sobre a forma do ensaio, mas sobre a operação do ensaio, sobre o que acontece ao pensamento quando ensaia, e à escrita, e à vida; sobre porque, às vezes, o pensamento e a escrita e a vida ensaiam, se fazem ensaio. (...) Poder-se-ia dizer, talvez, que o ensaio é uma atitude existencial, um modo de lidar com a realidade, uma maneira de habitar o mundo, mais do que um gênero da escrita. Poder-se-ia dizer, talvez, que o ensaio é o escrito precipitado de uma atitude existencial que, obviamente, mostra enormes variações históricas, contextuais e, portanto, subjetivas. Poder-se-ia dizer, talvez, que o ensaio é uma determinada operação no pensamento, na escrita e na vida, que se realiza de diferentes modos em diferentes épocas, em diferentes contextos e por diferentes pessoas. Poder-se-ia dizer, talvez, que o ensaio é o modo experimental do pensamento, o modo experimental de uma escrita que ainda pretende ser uma escrita pensante, pensativa, que ainda se produz como uma escrita que dá o que pensar; e o modo experimental, por último, da vida, de uma forma de vida que não renuncia a uma constante reflexão sobre si mesma, a uma permanente metamorfose. (LARROSA, 2004, p. 32).

## Referências

BAKHTIN, Mikhail. Problemas da poética de Dostoiévski. Tradução do russo por Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981.

CAMARGO, Maria Rosa Rodrigues Martins de. Práticas de escrita de si como espaços de formação. **Educação: Teoria e Prática**, Rio Claro, v. 18, n. 31, p. 117-136, jul. dez. 2008. Disponível em:

<<http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/educacao/article/view/200/1934>>.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. A invenção do cotidiano: 2 Morar, cozinhar. Tradução de Ephraim Ferreira Alves e Lúcia Endlich Orth. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

CHARTIER, Roger. A história cultural: entre práticas e representações. Tradução de Maria Manuela Galhardo. 2. ed. Lisboa: DIFEL, 2002.

GASPARINI, Thainara Bonfante. Escrita e leitura que tecem o cotidiano de pessoas pouco escolarizadas : um estudo. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Estadual Paulista: Rio Claro, 2015.

LARROSA, Jorge. A OPERAÇÃO ENSAIO: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida. Educação & Realidade. 29(1): 27-43 jan/jun 2004.

LISPECTOR, Clarice. A descoberta do mundo. Rio de Janeiro: ROCCO, 1999.